



O desmembramento da União dos Interesses Económicos

A União dos Interesses Económicos, que foi fundada há poucos anos com um grande entusiasmo e com muitas girândolas de foguetes de retórica, está na agonia. É uma agonia mais acentuado do que aquela que caracterizou sempre a sua díbil vida.

Os paladinos dessa causa antípatica — Pereira da Rosa, Amzalack e Carlos de Oliveira — que percorreram o país despejando as cornocópias da sua oratória, resolveram desinteressar-se da U. I. E. — levando consigo a única e principal força que era o jornal *O Século*. Assim, sem voz, a U. I. E. é um moribundo que nem sequer pode fazer ouvir o ruído do seu estertor.

Mas parece que os três «meneurs» não podiam afastar-se assim de pé leve, com o jornal às costas, visto que este não foi adquirido apenas por elas mas pelo conjunto de colectividades burguesas que constituem a União dos Interesses Económicos. Sendo assim a transacção dos três cabecilhas assume um aspecto de incorrecção que se não toca os domínios do ilícito é porque ultrapassa.

De resto, embora por palavras mais nubelosas, o sr. José Maria Alvarez, presidente da Associação Industrial Portuguesa, confirma esta nossa asserção numa carta que dirigiu ao *Século* e que, por este não a publicar, fez inserir no *Diário de Notícias*. Eis o trecho citado:

«O Século, declarando que a sua administração resolviu desligar-se da União dos Interesses Económicos, confessa, implicitamente, que, até agora, tem sido órgão dessa instituição, como, de resto, todo o país sabe, de norte a sul. E nós consideramos que, pelas condições da sua aquisição, não pode, por simples vontade da sua administração, desligar-se para constituir propriedade particular de quem quer que seja, subtraindo-se à inspiração de uma entidade colectiva, impersonal, patriótica e criada para realizar um programa de interesse geral.»

E' de prever que a União dos Interesses Económicos queira reivindicar para si o direito, o soberano direito, de pôr e dispor do jornal que até há poucos dias foi seu órgão, não consentindo que três indivíduos dele se apossem sem mais nem menos. *O Século* tem uma importância grande e pode ser a alavanca de muitos negócios. E assim como os três transfugias da U. I. E. o querem guardar bem guardado para servirem com elas os seus interesses extremamente particulares — tão particulares que talvez ocultem no seu âmago uma figura sinistra do meio industrial e financeiro — também por sua vez a União o quere porque sabe que sem elle está irremediavelmente condenada à morte.

E' certo que os interesses da U. I. E. são ilegítimos odiosos. Mas Pereira da Rosa & C. não se afastaram com *O Século* nas mãos por lhes repugnar a defesa desses interesses, mas para continuarem a defender melhor os seus únicos interesses e os do cambão a que se encontram cautelosamente ligados. De resto, nunca naquele jornal se fez verdadeiramente a defesa da U. I. E., mas simplesmente a defesa da U. I. E., mas simplesmente a defesa mais ou menos encapotada de negócios que nem sempre aproveitavam, antes levavam, àquela organização burguesa.

Se a U. I. E. possuisse aquela celebrada força com que pretendia aniquilar a C. G. T., já teria encontrado meio de arrancar *O Século* das garras dos seus actuais dirigentes. Mas ela não passa de três inicias cuja pronúncia exprime um grito doloroso — o grito das vítimas dos negócios dos srs. Rosa, Amzalack e Carlos de Oliveira.

Esta scisão mortal na organização do patronato português vem demonstrar que entre burgueses, mais movidos por ambições particulares do que por ideais colectivos, a moral é reles e mesquinha.

As suas zangas têm origens moralmente vergonhosas, onde entra muito o apêgo pessoal a bens materiais. Poderão dizer-nos que no movimento operário também há scissões. E' certo. Mas que diferença moral elas revestem! As scissões no operariado são motivadas pelo desejo ideal de escolher para o triunfo da causa colectiva os caminhos que

A VIDA DOS RICOS E A VIDA DOS POBRES

Em quanto em salões aristocráticos os ricos se refastelam com deliciosos manjares, em tristes espeluncas os pobres alimentam-se com pedaços de miséria

... E das finas notas orquestrais irradiavam estonteantes melopéias, dando uma nota de grandesa ao Salão que lhe impregnava o ambiente de um sabor original, dir-se-ia oriundo de fantásticas regiões. Entrante, em torno de riquíssimas mesas, orladas de talheres caros, começara a fazer-se a concentração dos convivas, titu-

Em todas as expressões há uma nota de contentamento. Entretanto do fundo lúgubre do aposento veio a voz do mistério, transmitida pelo grito da turbamulta ali reunida em satânico festim!

* * *

... E das dolentes notas da guitarra, mergulhada em satânica escuridão, irradiam



...entre tanto, em torno de riquíssimas mesas, orladas de talheres caros...

lares conhecidos, financeiros, industriais, gente da primeira plana da sociedade. O barão Y, envolvido no seu *smoking*, acompanhava soridente madame X, que da magnífica indumentária expelia subtis notas polícromas, originárias dos cupidos olhares dos circunstantes. Mais além, a marquesa A tecia largos encômios à obra das congregações religiosas num misto de candura e de enervamento pelo impiados sarcasmo ateita.

E da orquestra continuam a partir, numa sucessão misteriosa, unções piedosas das partituras de Chopin, que dão ao ambiente uma nota religiosa de fundo estremecimento.

Vai iniciar-se o banquete. No salão faz-se silêncio. Dos lustres despenham-se luzes multícolores numa fantasia espasmódica que se perde naquele misterioso silêncio. Das camélias que ornamentam as mesas soltam-se engracadas esmeraldas aromatizando a atmosfera. E o tilintar dos talheres, o silvo de todo aquele movimento, enquanto os criados, calção branco e libré irrepreensível, atravessam lesto o salão, cortam os espaços, dando à função gastronómica um tíque de sofreguidão.

A cozinha preferida foi a francesa. O primeiro prato, *Creme lousain*, foi devorado vorazmente. E segue-se, sem interrupção, outro: *Petits librettes à la cardinal*.

Madame C. depois de criticar a cozinha portuguesa, consulta o menu e exclama:

Poisson: Medallions de langoustes parisiense!

O criado, modo grave e ar circunspecto, vai trazendo ininterruptamente as mais deliciosas iguarias: *Entree: Tournedos à Rousini, Jambon d'York à Madrilaine*, primeiro. A seguir: *Légume: Asperges Rodel Souce Mauzelaine; Rôti: Dindonneau truffé; Entremet: Mille-feuilles au Chantilly; Bombe à la Vanille; Dessert: Vins, Champagne, Café et Liqueurs...*

mais belos se afiguram a cada um. O interesse material, a ambição personalista raro têm entrada nessas lutas.

Esta diferença de moral predominante nas classes burguesas e nas classes operárias dá bem a ideia da realidade social do nosso tempo. Eles, os da U. I. E., são representantes de uma sociedade que agoniza ao peso dos seus crimes e das suas desvergonhias, os operários representam uma nova moral em formação, mais elevada, à qual está destinado um incontestável triunfo.

unções de tristeza, gritos de desdita dir-se-ia vindos da turba misteriosa. Os frequentadores do bizarro restaurante comprimentam-se a custo no acanhado caco, onde respira um odor de miséria, impregnado de suor e de vinho. Nos convivas há gente

O menu é leve. Apesar das sardinhas assadas comidas sobre um bocado de pão

descassa nefasta Moagem, alguns decílitros de

vinho e uma económica — uma tijela de

caldo para rebater. Depois deste succulento

manjar a luta pela conquista dos meios de

sarcasmo ateita.

E da orquestra continuam a partir, numa sucessão misteriosa, unções piedosas das partituras de Chopin, que dão ao ambiente uma nota religiosa de fundo estremecimento.

Vai iniciar-se o banquete. No salão faz-se silêncio. Dos lustres despenham-se luzes multícolores numa fantasia espasmódica que se perde naquele misterioso silêncio. Das camélias que ornamentam as mesas soltam-se engracadas esmeraldas aromatizando a atmosfera. E o tilintar dos talheres, o silvo de todo aquele movimento, enquanto os criados, calção branco e libré irrepreensível, atravessam lesto o salão, cortam os espaços, dando à função gastronómica um tíque de sofreguidão.

A cozinha preferida foi a francesa. O primeiro prato, *Creme lousain*, foi devorado vorazmente. E segue-se, sem interrupção, outro: *Petits librettes à la cardinal*.

Madame C. depois de criticar a cozinha portuguesa, consulta o menu e exclama:

Poisson: Medallions de langoustes parisiense!

O criado, modo grave e ar circunspecto, vai trazendo ininterruptamente as mais deliciosas iguarias: *Entree: Tournedos à Rousini, Jambon d'York à Madrilaine*, primeiro. A seguir: *Légume: Asperges Rodel Souce Mauzelaine; Rôti: Dindonneau truffé; Entremet: Mille-feuilles au Chantilly; Bombe à la Vanille; Dessert: Vins, Champagne, Café et Liqueurs...*

mais belos se afiguram a cada um. O interesse material, a ambição personalista raro têm entrada nessas lutas.

Esta diferença de moral predominante nas classes burguesas e nas classes operárias dá bem a ideia da realidade social do nosso tempo. Eles, os da U. I. E., são representantes de uma sociedade que agoniza ao peso dos seus crimes e das suas desvergonhias, os operários representam uma nova moral em formação, mais elevada, à qual está destinado um incontestável triunfo.

...acha «incompreensível» que um rapaz, espírito vivo e borbulhando em seu coração um ideal superior, elevando e nobre, detestasse o homem que só valor tem por vindo do *nada* e que hoje espessa brutalmente um povo, escravizando consciências, martirizando sentimentos e matando no ímo dos corações tudo o que é superior e belo?

Onde está a «perversidade» dos que pretendem libertar a Itália do jugo fascista?

Quem são os perversos?

Que o responde a escritora Carvalho se o seu pensar não estiver anquilosado por influências delétérias dum partido político que tem como arma o «oleo de ricino» e como ideal o mais cruento...

A crónica do dia de São Martinho que a escritora escreveu não é uma crónica é um vómito!

Que diz a isto, senhor redactor?

Seu amigo e admirador muito afeiçoado —

Pedro da Silva.



...a mesa está coberta de tabuleiros enegrecidos...

dos bas-fonds da cidade, criaturas que arrastam uma vida de dor e de tragédia.

O ambiente é pesado e doentio. De configuração irregular não possui uma nota de vida, uma simples clareira de alegria. As paredes, os tetos, os pavimentos esvermum sordidez. Há um negrume especial, característico de furna, onde irradiam plangentes gritos de miséria.

A mesa está coberta de tabuleiros enegrecidos, de odor pestilencial e de expressão repugnante. O cliente toma as suas refeições de pé, num misto de nostalgia e de

subsistência prosegue ardorosa pelas provisões violentas e insalubres!

E' este o doloroso contraste da alimentação do rico e do pobre. Dum lado um manjar guarnecido de finas iguarias e aperitivo

vado por um ambiente agradável. Do outro

uma trista refeição condimentada com pedaços de dor humana!

Alfredo MARQUES

A SEGUIR: Como se divertem os ricos e como se distraem os pobres.

OS PRESTAMISTAS...

Seria um crime imperdoável consentir que eles continuassem impunemente exercendo a sua desalmada exploração!

Estamos vendo, por parte da imprensa, um carinho e um interesse extraordinários pelos penhoristas. As vítimas nunca lhe mereceram tão amável deferência. Lá porque os prestamistas gritaram, com lágrimas de crocodilo nos olhos, que iriam cair na miséria, logo se sensibilizaram os corações — como se o mundo fôsse acabar.

Nós também somos sensíveis à miséria alheia, mas neste caso, nunca nos esquecemos das maiores vítimas — os explorados pelo vil negócio do empréstimo sobre penhores.

Toda a imprensa vem aceitando nas suas colunas a escravada defesa dos prestamistas é o mais curioso é que o próprio *Portugal*, que se intitula órgão do governo, publicou a representação que as vítimas dirigiram ao ministro das Finanças.

A *Batalha* já foram, desde o inicio da sua campanha, oferecidos anúncios rendosos de casas de penhores e até a publicação paga e bem paga à linha da aludida representação. A *Batalha*, porém, que é um órgão de opinião e não um organismo industrial como de facto são muitos dos jornais que se dizem apenas defensores de ideias — não aceitou agora, como nunca aceitou, anúncios daquela proveniência. Por isso lhe sobejá a autoridade que a outros jornais falta para atacar as pretensões indefensáveis dos exploradores da miséria.

O ataque a essa exploração dos penhores tem sido feito em vários países que melhor ou pior têm evitado a exagerada exploração. Pafses dos mais conservadores, têm, como a Espanha, a Bélgica e a Alemanha, dado ao problema as soluções mais ásperas para os interesses ilegítimos dos prestamistas. Porque motivo se há de permitir em Portugal que o roubo continue descarado e esmagador para as classes pobres?

Na Bélgica, as casas de penhores foram nacionalizadas, tendo os seus empregados sido mantidos nos seus lugares, pagos pelo Estado, como funcionários. Não foi fezido o público, porque os juros foram sensivelmente diminuídos, nem os empregados que não tinham culpa dos roubos do patronato. Os penhoris-

tas portugueses não querem empregar a 18% ao ano? Porque não passam as suas casas para a administração da Caixa Geral dos Depósitos, conservando-se os seus empregados? Mas seria preciso cuidado em não transformar essa nacionalização numa mina para os penhoristas.

Não temos a pretensão de sugerir os poderes públicos com a nossa opinião. Não é nossa missão dar indicações a ministros. Apenas citamos um caso passado num país onde o problema dos empréstimos sobre penhores teve uma solução menos lesiva para os únicos interesses respeitáveis neste caso: os do povo e os dos empregados.

Permitir que os penhoristas continuem, como sinistros vampiros, a sugar e a viver da miséria popular, seria um crime imperdoável da responsabilidade de um ministro que principiou por assumir, neste assunto uma atitude simpática e sóbria quem cafraria a execração pública se transigisse com os exploradores.

Eles gemem, os prestamistas? Deixá-los gemer. Sejam as dores de barriga de agora, em desconto dos seus pecados anteriores... A dor redime — dizem — e éles que tantas culpas têm na consciência — a pensar. Rebate cantar a sua honestidade que a outros jornais falta para atacar as pretensões indefensáveis dos exploradores da miséria.

Os jornais burgueses são fartos em palavras piedosas para com os «pobresinhos» e, de quando em vez, apelam para a caridade cristã dos seus leitores, em favor deles. Vem agora o Natal. E' a quadra da choradeira burguesa em prol das suas vítimas. Abrem-se subscrições pomposas onde a generosidade brilha pela ausência. ora, essa imprensa teria neste momento uma oportunidade excelente para mostrar o seu carinho pelas classes menos abastadas — atacando os seus exploradores. Mas estes pagam — a pesar da sua miséria — bons antícos defendendo, em lamúria, as suas imoralidades e a imprensa «protectora dos pobres» atende mais depressa ao poder do dinheiro do que à força da razão.

O GRANDE ESCÂNDALO

Ricciotti tinha a cumplicidade activa de seu irmão

Sante Garibaldi era agente da maçonaria italiana afecta ao fascismo A diplomacia francesa e fascista de acordo em abafar o escândalo

O escândalo que infamou o nome de Garibaldi toma proporções de uma ruidosa condenação de toda a sociedade burguesa. Sabe-se a que interesses políticos obedecem a tenebrosa maquinaria de Ricciotti, que a polícia italiana generosamente pagou. A rivalidade entre o fascismo de Itália e a democracia da França, rivalidade nascida de interesses capitalistas e ambícios imperialistas em antagonismo, deixou revelar-se a iminência de um grave conflito entre os países.

<p

A BATALHA

A União dos Interesses Económicos que tanto quiz esmagar a C. G. T.
desmembra-se miseravelmente



O padre, cancro social!

Eis um homem que passa de olhos no chão ou de olhar fito vagamente no espaço, sem se fixar nos outros homens a não ser quando estes o não podem ver.

Para ainda mais acentuar o carácter díspice e indeciso da sua individualidade, este homem é aparentemente uma mulher pois que veste saias, não usa barba, tem a pele setinada como as damas e o andar participa um tanto ou quanto do ondulado mulheril...

A cõr do traje reflete também o carácter deste vivente ou da sua missão nas sociedades que o criaram: ou é negra como a treva de ignorância que ele espalha e propaga, sombria como o crime que encarna; ou é vermelha como os apetites sanguinários da sua natureza, cor simbólica da impetuosidade e veemência das suas paixões; ou é roxa como a hipócrita penitência da sua vida, roxa como a traição cuja modéstia quer imitar e que na vida deste homem só serve para ocultar a traição pronta a seguir o adversário desprevenido.

Vede o seu todo: aquela adioposidão dâ-a a conhecer a madraçaria,apanágio do seu viver. Aquelas lábios grossos são indicio da sua sensualidade! Aquela olhar infixo, amuado encoberto, voltado sob os cílios, denota a dissimulação do seu pensar; aquele vago retramento do seu corpo, que parece sempre prestes a fugir, descobre a cobardia da sua alma.

Misto de camaleão, porco, raposa e biena. As suas fálas são untuosas, melifluas. As suas manecas insinantes, muitas vezes pegajosas, permitem-me a expressão.

Dir-se-á que em certas ocasiões, de toda a sua natureza golfa a baba, escorre um púlo oleoso que lhe facilita o escorregar-se por entre aqueles que, enojando-se com o seu contacto, não obstante pretendem apanhá-lo para o aniquilar sentindo com pesar que em virtude da oleosidade de todo o seu ser, se lhes escapa.

É contudo eis que em consequência dessas secreções repugnantes, conseguiu, como a lesma, a agarar-se a esta ou aquela sociedade ou deslizar sem que o presintam.

Este homem que sem ser hermafrodita é, por assim dizer, meio homem meio mulher, castrado e sátiro, sodomita e femeiro, escteta e libidinoso, então inqualificável que afinal, em ultima análise, nem é homem nem é mulher, pois que ambas estas entidades nega, acervo híbrido de todas as incongruências sociais que censura e aproveita, este homem, dizia eu, é o padre!

Não nos iludamos.

Por mais belas que sejam as imagens que Vitor Hugo fez deste produto social, não há padres bons. Todos eles são perigosos; são missionários do êrro, da mentira.

E, embora o grande poeta nos pintasse com mão de mestre um exemplar virtuoso entre os que mais o poderiam ser, a verdade é que, quanto mais virtuosos os padres são isto é quanto mais ricos daquela virtude de convenção social religiosa, tanto mais nocivos, pois mais iludem e arrastam a humanidade à servidão, à inconsciência e à intuição, à abjeção da vida, à impossibilidade sofredora de todas as explorações.

Que nos importa que um padre seja virtuoso se ele, ministro de uma religião de mentira, é obrigado, como tal, a manter a sociedade no desconhecimento do que a cerca, na subserviência ao desconhecimento, na sugestão aos que a governam e exploram no terror do que não compreende nem conve o padre que lhe explique?

O padre vem, cheio de si ou inconsciente, dizer-nos, por exemplo, que tem o poder de nos perdoar os agravos, ofensas, pecados que temos cometido — não contra ele mas em prejuízo de outrem; que tem o dom de ler em nossas consciências; que só ele pode ser intermediário entre nós e Deus; que só ele nos pode encaminhar para o céu; que só ele poderá convencer o velho charavo Pedro a abrir-nos as portas do Paraíso.

Este homem dizendo tudo isto mente: tanto basta para que seja perigoso e daninhos; para perpetuar um estado de coisas que é fonte de todos os sofrimentos da humanidade em benefício de uma ou várias castas agambaradoras do produto do trabalho dos crentes e supersticiosos miseráveis.

Como pode um padre, tenha ele a alma de um justo? (?) acreditar que possa a facilidade de remir as ofensas, erros, crimes dos outros homens, ele que é tão suscetível de pecar como qualquer mortal?

E poderá garantir que em certo modo ele e os seus colegas não tenham concordado para a existência do crime que vão julgar? Um homem que prevarica porque ignora, porque foi embrutecido por ideias falsas, desviado da verdade por misticismos religiosos, alucinado nos seus vícios por uma educação jesuítica, não pratica um crime contra as leis da convenção social ou contra as leis inadiáveis da natureza senão porque a isso foi levado pela influência do meio que o cerca na elaboração do qual foi agente ou factor, entre outros, o padre.

Portanto esse padre quando lança a absolvição sobre os delinqüentes ou os condena a uma penitência, mente aos homens e a si mesmo.

Se tem a noção dessa mentira, é um impostor, um burlão. Se não tem, é idiota.

Em ambos os casos é um mal pela perniciosa influência que o seu proceder vai operar nas massas ignorantes.

Não há religião que, analisada friamente pelo espírito amante da verdade, se não revele um tecido de necessidades e de torpezas com um rechazo de moral que a própria religião é a primeira a tornar ineficaz por motivo das suas contradições.

Como pode pois um homem ministerial semelhante círculo—despautérios e imoralidades com a convicção de que faz obra meritória a não ser esse homem um imbecil?

Forçosamente é tolo e se não é teremos de concluir que é velhaco e mistificador.

Não vos deixais poios iludir, oh povos, pobres fartoos de saias, incansados que negam a virilidade humana, santificam o ódio ao sol brilhante e vivificador da natureza; glorificam a noite do espírito, a humildade servil, a renúncia à vida, a aversão à família que elas por condição abjecta nunca poderão compreender.

O padre é a entidade mais prejudicial que a fatalidade das coisas criou. Ele é o consagrador da torpeza social que nos esmagam!

Urge pois estirpar firmemente, rapidamente, impiedosamente sem contemplações algumas, este maldito cancro.

José Carlos de SOUSA

CARTA DO PORTO

Descreve-se em frases simples a odisseia dos condenados às galés dos trabalhos de cargas-e-descarga do Rio Douro

PORTO, 12.—Já dissemos, outro dia, quais as condições deploráveis, de vida constante arriscada, em que labutam os verdadeiros «condenados as galés» dos trabalhos de carga e descarga do rio Douro.

Neste gênero de serviços que ironicamente desmente toda a progressividade mecânica do nosso século, ingressam também, para maior fatalidade da existência humana, muitíssimas mulheres de todas as idades, desde a menor à semi-proveta.

Isto é uma prova evidencíssima de que em Portugal, especificadamente no Pôrto, as mulheres os menores são cuidadosamente protegidos pelo peso brutal da ignorância exploração capitalista.

Para a dignificação humana e para o estatuto revigoramento da raça deliciosamente captada pela hipocrisia dos nossos patriotas, não há coisa melhor do que os exemplos flagrantes que aqui fomos...

A Ribeira, pois, área destinada aos forçados carregadores e descarregadores que vão ganhar vez para o seu estuprador trabalho, acorre também, em grande escala, o elemento feminino. Não é porque se sintia o mínimo prazer em ter de andar constantemente vergado sob os pesos brutos que lhe atiram para a cabeça habituada aos flacos dos carretos desumanos. E porque as necessidades da vida exigente, e as impossibilidades de alcançar outro mister mais consentâneo com o seu sexo e, portanto, com suas próprias forças, para tal o impedem, como único recurso.

E por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

Mas já agora aproveitamos o ensejo para falarmos dos elevadores da Corticeira — outra prova frizante do atletismo da raça feminina, cujas mães estão aptas a dar uma saída vigorosa reprodução.

As mulheres, e as menores, para esquecerem as durezas de um labor brutal, lá vão saltando de barco para barco e do barco para a terra, a cantar modas alegres em voga, para que os seus corações tristes não ressentam tanto ao vivo dos maltratos que os corpos que os arcoabram recebem da lufa-lufa carregadora que as bestas regeiam com a eloquência de uma boia apanhada bem aplicada...

Nós observamos há pouco, com estes olhos que a terra há-de comer, como um formigueiro de mulheres esvasiava uma barcaça carregada de tambores de carboneto de cálcio, cujo peso bruto ia de 50 a 108 quilos...

E essas desgraçadas, tendo à mistura menores, pisando um terreno que não era firme, calcinando uma prancha em tal posição declinada que não era fácil a todo o mortal subi-la ou desce-la — lá transportavam, penosamente, esses 108 quilos de carboneto de cálcio que as costriam, que as abalavam pela continuidade arrastando de um serviço tão infernal... Elas trabalham, juntadas, a uma maior exploração ainda do que os homens, desde manhã cedr até ao sol se esconder no horizonte — quando, por vezes, não têm de romper pela noite adiante com as cargas ou descargas de pesos sem limite, desproporcionais ao equilíbrio muscular do seu físico... Mas é aproveitar a maré, porque nem sempre há serviço ou o tempo o permite...

E elas lá se arruinam sob as pesadas sarcas ou sob os grandes gigos, com carvão, com enxofre, com várias drogas, com sal... De passagem é bom dizer que não é nada higiênico as mulheres trabalharem no descarrilamento do sal, porque, estando no seu período estando menstrual, a violência do serviço não se compadecem com o cuidado que é preciso para evitar que na-

CARTA DO PORTO

Impressões da Nazaré

Um povo que vive embrutecido pela igreja e pela taberna

Só estes são bons dias dos que trabalham, mesmo que sejam crianças...

E esta a civilização, nomeadamente a portuguesa, da nossa época...

CRÓNICA DO ESTRANGEIRO

A luta da diplomacia bolchevista contra o imperialismo europeu

que produz, indispensável em todas as cozinhas, caia qualquer pinga, muito naturalmente. Isto quando, seriamente apertadas, não vertem, disfarçadamente, águas...

Há um outro serviço talvez mais estúpido a que as mulheres se sujeitam: é a condução de peças de ferro, para a qual têm de, muitas vezes, empregar posições verdadeiramente críticas, agarrando-se às peças, vergando-se, torcendo-se em todos os sentidos devido às condições dos empenhos sempre de tal ordem, que lhes dificultam o transporte... Por causa desse trabalho, há muitas mulheres que já estão deformadas, bastante tortas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dormiam nos portais ou nos barcos, comendo o que esmolavam a bordo ou do que por lá deitavam a mão — têm visivelmente empobrecido à custa daquelas desgraçadas...

E' por isso que muitos patifes, que outrora dorm